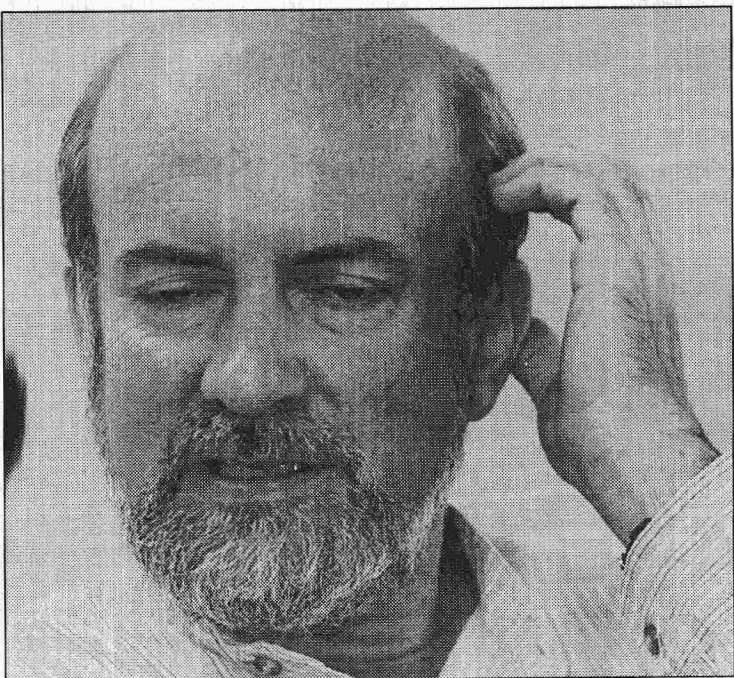


# Uma morte anunciada 38

Penso que as medidas vão ao encontro do setor externo por uma simples razão, de que vai haver um reajuste de quantidade e brutal recessão para provar que em curto prazo não se resolve um problema externo através de uma redução do nível de atividade que rapidamente, pela intensidade, se o pacote for levado à sério, levará a um equilíbrio rápido das contas externas a um custo elevadíssimo. O Malan está dizendo que o país vai crescer a menos de 1%. Acho complicado.

O problema é que se está com uma política recessiva, com cortes de 4% do PIB, demanda efetiva, se o multiplicador fosse 1 e o corte de 4% do PIB. Como o multiplicador é maior que 1, então o Malan está falando em menos de um 1%. Esse ano ele falou que vai crescer quase zero por cento, então é difícil imaginar que ano que vem seja um. Um corte dessa natureza, com a taxa de juros atual (49,75% ao ano), normalmente gera uma política fiscal recessiva com uma política monetária mole. Com uma taxa de juros de 30% ao ano e corte de 4% do PIB, entraremos numa espiral estacionária que não pára. As pessoas estão analisando isso. Em curtíssimo prazo, vai se resolver um pouco do problema da balança de pagamento, não se resolverá o problema do setor público. O corte é de 4%, no setor público o buraco é de 7 ou 8%. Continuaremos com um buraco de 3%.

O que aparentemente o Governo está apostando é que a taxa de juros cairá, resolvendo o problema. Isso vai depender da reação dos investidores externos. Se eles continuarem achando que a taxa de câmbio está sobrevalorizada - e está -, eles não vão voltar. Vão esperar, porque o Governo vai ter que desvalorizar o real. E é óbvio que vai ter que desvalorizar. Isso tem que ficar muito claro nesse momento, não tinha outra saída. A taxa de câmbio não é preço de banana. Mas foi tra-



tada como se tivesse preço de uma mercadoria qualquer. A taxa de câmbio é como o salário, afeta a economia, e mais do que economia, afeta investimentos, relações com o resto do mundo. Ao insistir numa taxa de câmbio fixa, sobrevalorizada, o Governo inevitavelmente teve que se render - claro que a taxa de juros aumentou brutalmente por conta dos choques externos inesperados, mas era previsto. Foi uma morte anunciada. Foi antecipada talvez.

O Brasil quebrou. O Fundo monetário não está intervindo pra adiar a crise. Ela já chegou. Não tem mais reserva. As pessoas estão escondendo, a aceleração do mercado não está anexando novas reservas, e o preço de tudo isso qual foi? A gente ia poder empurrar com a barriga enquanto a taxa de câmbio era fixa, sobrevalorizada, com as taxas de juros altas, porém não estratosférica. Portanto, as reformas foram sendo adiadas, adiadas, adiadas.

O Brasil quebrou. Estamos nos ajoelhando para o FMI e não é só para o Fundo, é pro Banco Mundial também. Estamos vendo apenas uma fachada. Uma fachada quantitativa fiscal. A qualitativa, que está por trás das refor-

mas, que implica nesse aumento de R\$ 28 bilhões, está sendo ditada, nos mínimos detalhes, pelo FMI e pelo Banco Mundial. Eles estão ditando o rumo do modelo econômico do Brasil. Como é que vai ser feita a saúde, a educação, onde e como vão colocar os investimentos. Isso está sendo cogitado hoje pelo Banco Mundial. É uma fachada que vai ter implicações brutais em termos de emprego, na estabilidade social, apostando que se as reformas vierem e se os credores acreditarem a taxa de juros vai poder diminuir um pouquinho, em vez de o país crescer menos 15% pode crescer menos 3%. Mas, sem dúvida, com uma brutal recessão.

No meio dessa recessão, o FMI e o Banco Mundial vão exigir o que eles quiserem e o Malan vai ter que fazer. Isso está acontecendo hoje com os ministros da área social. É muito mais grave do que parece. É fácil dizer que a culpa foi da Rússia, da Ásia. Isso apenas antecipou uma morte anunciada.

**JOAQUIM P. DE ANDRADE**

Chefe da Pós-Graduação do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB)